



RIMA

Agosto 2022

Mulheres na Liderança



Rede Internacional de Mulheres Anglicanas

'Pensando Globalmente e Atuando Localmente'

Trazendo as Perspectivas das Mulheres e Levantando Questões que as Afetam

Editorial



Arquidiácona Carol Hughes, Diocese do Auckland
Presidente da Igreja Anglicana em Aotearoa, Nova Zelândia, e
Polinésia, Grupo Coordenador de RIMA

'Mulheres na Liderança' equivale a 'liderança perturbadora' – essencialmente o que constitui perturbação. Antes que você se incomode com os conhecidos conceitos negativos de 'perturbação', convido você a refletir sobre o que isso pode trazer de forma positiva para uma comunidade. Na prática, perturbar positivamente uma comunidade pode resultar em membros experimentando novas formas de pensar, agir e ser. As/os líderes da Igreja podem contribuir positivamente para esse novo caminho. Um/a líder inspirador/a pode 'perturbar' uma comunidade complacente em ação positiva. Quando nossas crenças, suposições e ideias são desafiadas, podemos sentir uma sensação de 'perturbação', o que leva a uma ampliação de nossos entendimentos teológicos – resultando no crescimento de nossos relacionamentos com Deus e umas/uns com as/os outras/os. A perturbação oferece oportunidades para nos tirar de nossas zonas de conforto para abordar os problemas do nosso mundo, como Jesus fez.

Mulheres que lideram trazem uma perturbação positiva para uma comunidade, e isto é uma coisa muito boa. Quando nós vemos mulheres que são Bispas nas fotos da Conferência de Lambeth, nos deleitamos em como isso perturbou a visão – para além do patriarcado. Vemos exemplos nesta edição de mulheres inspiradoras, como a falecida Audrey Rebera, do Sri Lanka. Audrey era conhecida como uma ativista feminista radical. Ela corajosamente assumiu riscos na proteção dos valores democráticos, desafiando o *status quo* e inspirando as gerações futuras a continuarem a perturbação positiva do poder. Nós também ouvimos da Reverendíssima Pat Andar, Igreja da Irlanda, sobre como é importante que “as mulheres estejam à mesa”. A Reverenda Cãnone Camellia Flanagan diz que precisamos quebrar o preconceito contra as mulheres e “expulsar o mal”, e a irmã Chandrani Peiris afirma que a igreja precisa intervir para proteger as crianças. Há histórias da Igreja Anglicana na Melanésia sobre mulheres líderes trabalhando de forma colaborativa para oferecer treinamento e recursos para o empoderamento das mulheres, que é um dos principais objetivos da RIMA. A missão da AMARE é encorajar, motivar, afirmar e renovar a onda irrefreável de mulheres na liderança. A Conferência de Missão Global, o trabalho da União das Mães, a resolução sobre Igreja Segura chamando a atenção para a violência contra mulheres e meninas e o recurso recentemente publicado sobre *'Viver a Justiça de Deus'* nos encorajam a oferecermos uma liderança que positivamente perturba nosso mundo.

Rede Internacional de Mulheres Anglicanas (RIMA)

'Pensando globalmente e atuando localmente', a Rede Internacional de mulheres anglicanas (RIMA) traz as perspectivas das mulheres e levanta questões que as afetam à atenção da liderança da Comunhão Anglicana e ao Mundo, de modo mais amplo. A Rede fortalece amizade e solidariedade entre mulheres anglicanas em todo o mundo e busca a igualdade de participação, segurança e bem-estar de mulheres por toda a Comunhão e dentro de seus lares e comunidades.

Contate a RIMA para se inscrever para nossos boletins informativos ou para compartilhar suas histórias:

iawn@anglicancommunion.org

a/c do Escritório da Comunhão Anglicana, St Andrews House, 16 Tavistock Crescent, Londres W11 1AP, Reino Unido

<http://iawn.anglicancommunion.org>

Conteúdos

Editorial	2
Mulheres na Liderança	3
Quebrando o Preconceito	4
Irmã Chandrani Peiris SSM	5
Projeto Infantil Isandlwana Ísis	6
Histórias da Igreja Anglicana da Melanésia	7
Uma irrefreável onda das Mulheres	8
Vidas Restauradas Restaurando Vidas	9
Audrey Rebera	10
Festa de Maria Madalena: Apóstola dos Apóstolos, Julho 22	11
A Mulher Cananeia	12
Os Dons das mulheres são destacados na Conferência de Missão Global sobre Mulheres na Missão.....	13
Comitês finalizam resoluções sobre Igreja Segura	15
Questionário sobre Mulheres na Liderança	16
Fé, Comunidade,... em um Tempo de Discórdia	16
Justiça do Deus Vivo	17
Conferência de Lambeth	18
Chamada para Contribuições para o próximo Boletim de Notícias da RIMA.....	18

Mulheres na Liderança

A Reverendíssima Pat Andar

Bispa de Meath e Kildare, Igreja da Irlanda

Eu me pergunto se alguém já questionou a meus colegas como que é ser um homem na liderança? No momento em que escrevo, já sou bispa há nove anos e ainda sou a única mulher na bancada irlandesa. Também sempre me perguntam: “o que uma mulher traz para a mesa”, o que acho impossível de responder. Você não pode responder isso sem generalizar – mulheres são mais colaborativas; os homens são mais diretos; as mulheres pensam mais sobre o impacto que suas decisões têm sobre as pessoas. Tudo isso é um pouco verdade, mas é claro que existem muitos homens que são colaborativos e pensam no impacto de suas decisões, e existem muitas mulheres diretas!

No entanto, a minha experiência é que apenas ser uma mulher à mesa já é o que faz a diferença. Tem que fazer uma grande diferença quando 50% da população é representada no nível de tomada de decisões. Eu imagino que eu penso, quando apropriado, “bem, como que isso vai afetar as mulheres?”, ou talvez eu passe mais tempo trazendo o ponto de vista feminino para um determinado assunto.

Sei, no entanto, que sou quem recebe, muito mais do que meus colegas, das experiências infelizes das mulheres no ministério ou nos casamentos entre clérigos/os. Imagino que as mulheres ordenadas sintam que eu entenderia os desafios particulares que elas enfrentam, especialmente ao tentar combinar o ministério ordenado e a maternidade. Quando fizemos um relatório recentemente sobre o progresso, ou a falta dele, de mulheres no ministério após 30 anos de ordenação de mulheres na Igreja da Irlanda, este foi visto ainda como o maior desafio que as mulheres enfrentaram. Como as mulheres deveriam ser clérigas e mães e se destacar em ambos? Mesmo ao perguntar isso, estávamos cientes do fato de que os homens nunca se perguntaram como poderiam ser clérigos e pais. As mulheres que tiveram experiências destrutivas do comportamento de seus maridos que lideram igrejas podem recorrer à bispa porque sentem que, no mínimo, serão ouvidas. As famílias do clero não estão isentas dos problemas sociais e domésticos que todos os casamentos enfrentam, que destroem alguns. Pessoas clérigas, homens e mulheres, e suas/seus cônjuges, podem sofrer de abuso de substâncias, abuso doméstico e crueldade. Clérigas mulheres, muito mais do que sua parte contrária masculina, vivenciam atenção e toque indesejados, assédio sexual e até mesmo, ocasionalmente, agressão sexual. Uma bispa pode não trazer soluções extras para esses problemas, mas parece que podemos pelo menos ouvir, trazer empatia e apontar na direção certa para obter ajuda e apoio.

Minha experiência como uma vigária mulher e bispa foi esmagadoramente positiva. Eu sinto que meus colegas me tratam como igual e, em algumas ocasiões, procuram me proteger. Gostamos de bons relacionamentos e apoio, e às vezes até nos divertimos! Liderança na Igreja, especialmente em uma paróquia, é um trabalho muito difícil, e eu me lembro como foi exigente agora que estou um pouco afastada do ministério paroquial. O ministério episcopal é igualmente desafiador e exigente, mas de maneira diferente. Parece que passo muito do meu tempo apagando incêndios, resolvendo problemas e persuadindo. Eu gasto muito tempo fazendo coisas que eu sinto que não fui realmente ordenada a fazer ou de fato treinada e equipada para fazer, mas isso vale para todos os níveis de ministério. Homem ou mulher, o ministério não é para as pessoas fracas de coração.

Talvez surpreendentemente, o ministério episcopal me trouxe mais alegria do que eu esperava. Eu sinto um profundo senso de vocação para o lugar em que estou colocada, e eu me preocupo profundamente com aquelas pessoas que estão no ministério nas dioceses. Isto é um privilégio, e quando eu perder este senso de encantamento, será hora de seguir em frente.

Espiritualmente, é importante para mim manter um ciclo de retiros pessoais – é isso que me sustenta através dos difíceis períodos do ano. Às vezes, mal há tempo para respirar, e você tem dias muito longos de trabalho, perdendo o seu dia de folga. Colocar retiros regulares na agenda, nos quais eu me desligo por conta própria e me recordo que Deus me acha boa o suficiente e saber que eu sou amada e aceita, me traz muita paz.

Chegamos até aqui, mas não devemos descansar sobre os louros. Seja homem ou mulher na liderança episcopal, nós todas/os enfrentamos desafios e nós todas/os encontramos nossas alegrias. Eu darei as boas-vindas ao dia em que eu não for a única mulher bispa a sentar na bancada irlandesa, e que este fato em si será um sinal de que desigualdade de gênero está devagando, mas certamente sendo superada.



Quebrando o Preconceito

A Reverenda Cãnone Camellia Flanagan
TOR Grafton. NSW



"Se vocês não são revoltadas/os com o mundo, então vocês apenas não estão prestando atenção.... Mas só porque você não percebe isso, não significa que essa realidade foi embora." - A canção escondida de Kasey Chambers.

Nasci em 1939 em Sydney e aprendi "Que eu poderia alcançar qualquer coisa que eu colocasse em minha mente, desde que abraçasse os preceitos corretos, e pedisse ajuda a Deus."

Meu primeiro encontro com o preconceito de gênero foi quando não pude cantar no coro da igreja com 10 anos porque eu *era uma garota*. Acompanhei o coro no órgão. Meu primeiro emprego remunerado, aos 11 anos, foi organista em St Andrew's Cheltenham, o que me permitiu ter aulas. No meu último ano do Ensino Médio, eu era uma organista no St. John's Beecroft.

Eu queria estudar arte, mas meus pais diziam: "Muitas/os artistas passam fome" então, em 1955, eu fui para a universidade em um curso de Ciências. Eu estudei órgão na Igreja de Cristo St Laurence em Sydney e fui nomeada Organista e Diretora Musical na St James Croydon, em Sydney, de 1958 a 1971. Ali fui tratada como um tesouro. Justamente antes dos meus exames finais da universidade, eu decidi que era o suficiente e entrei para as Indústrias de Bond como secretária do gerente da tinturaria. Sendo uma das duas mulheres dentro do complexo, eu aprendi como manejar um elevador em segurança.

Casei-me em 1961. Adquirimos uma propriedade em Sydney com financiamento de fornecedores a 18% de juros, já que mulheres jovens casadas eram consideradas de risco pelos bancos. Estudei chapelaria e vendi chapéus para amigos. A gerência me convidou para desenhar lingerie e roupas de banho. Depois de um curso de corte de moldes comerciais, entrei para a Hestia Company, em Burwood, dez anos depois para desenhar e coordenar a produção de lingerie. Eu me encontrei no mundo das conferências de vendas, prazos de desfiles de moda e intrigas da indústria da moda.

Em 1971, mudei-me para Melbourne, o coração da indústria da moda. Com meu parceiro apoiando, aproveitamos a vida sofisticada dos anos 70 depois de sobreviver aos anos 60 selvagens e as consequências do livro de Germaine Greer *A Mulher Eunuco*. Seu entusiasmo pela vida teve um papel importante, transformando o meu, e inspirou as mulheres a desafiarem os laços com a desigualdade de gênero e a servidão doméstica. Isso rompeu casamentos ou fez com que fossem renegociados. As mulheres perceberam que não tinham que ser as boas garotas, casando, tendo crianças, sendo

queridas e calando a boca. Como mulher, eu não podia pegar um empréstimo bancário, possuir um carro ou ter um cartão Myer em meu próprio nome. Depois de 30 anos como uma desenhista, Gerente de fábrica e compradora nacional de tecidos, eu me aposentei em 1989, comprando uma Mercedes Benz conversível, fundei uma empresa de investimento imobiliário com meu esposo, ingressei na embroiders Guild e comprei uma casa em Port Macquarie.

Depois que meu marido morreu, em 2000, juntei-me a um grupo na Igreja St. Thomas, Port Macquarie, estudando teologia, era voluntária de cuidados paliativos e ministra leiga. Como mulher, fui considerada imprópria para a ordenação, embora houvesse mulheres sacerdotisas na Igreja Anglicana na Austrália desde 1992.

Após discutir com o Bispo, eu tive que me demitir do ministério leigo e me mudar para Kempsey para sentar nos bancos da igreja por um ano. Aqui fui abençoada e encorajada. Minha licença de ministra leiga foi restaurada e fui ordenada diácona em 2009, depois sacerdotisa. Em 2014, entrei para a equipe ministerial da Catedral de Grafton e fui apontada como Cãnone Honorária - Pastora Cãnone, em 2020. Eu experimentei abuso, testemunhei a dor de suas consequências, e agora nós vemos que os poderosos *estão* sendo desafiados. Os abusadores não têm onde se esconder. *As pessoas sobreviventes ainda hesitam em contar suas histórias*, e o abuso, às vezes, é escondido. Todas nós precisamos denunciar o mal.

O tema do Dia Internacional da Mulher deste ano "quebrando o preconceito" está operando na direção de um mundo diverso, equitativo e inclusivo. Nós temos um banquete de palavras. A mudança virá quando começar no topo e os pesos pesados da administração modelarem um comportamento de respeito e equidade. A mudança vai ser duradoura quando os pais e mãe modelarem esta quebra de preconceitos para suas/seus filhas/os e ensinarem novos caminhos de convivência e relacionamento de umas pessoas com as outras.

Sou professa da Ordem Terceira de São Francisco e deixo-lhes com uma oração de Santa Clara de Assis, *o que você guarda, que possa sempre guardar. O que você faz, que você possa sempre fazer e nunca abandone, mas ande com passo rápido, passo leve, e pés inabaláveis, para que até os teus passos não levanten poeira, que você possa ir em frente com segurança, alegremente, e rapidamente, no caminho da felicidade prudente.*

Esta foi parte de uma palestra proferida no Café da Manhã do Dia Internacional das Mulheres de 2022 da Câmara da Indústria e Comércio de Grafton.



Irmã Chandrani Peiris SSM

Reverendo Dushantha Rodrigo, Bispo de Colombo

A *Irmãs de St. Margareth*, em Polwatte, em Colombo, Sri Lanka, é uma casa de mulheres dedicadas ao serviço humanitário, chamadas do Leste de Grinstead, no Reino Unido, em 1887, para começar a trabalhar na Diocese de Colombo.

Irmã Chandrani Peiris vinha de uma comunidade anglicana nos subúrbios de Colombo e observava as Irmãs trabalhando. Vindo de uma casa que precisava de cura, ela procurou por esta paz interior na comunidade mais ampla. Seu encontro com as irmãs de St. Margareth a atraiu para uma vida de serviço que trouxe um lar para crianças, jovens e amigas/os mais velhas/os, santuário e um lugar seguro para oferecer vida aos anos, ao invés de anos à vida. Seus anos de formação fizeram dela uma mulher resistente que passou a ser uma potencializadora de mudanças. As irmãs de St. Margareth estiveram envolvidas em educação em diferentes partes do país, a saber, Colégio de bispos de Colombo, Buonavista Galle e Sto. Thomas Matara. Elas ofereceram um lar para crianças que cresceram sob seus cuidados, longe de seus pais e mães.

A irmã Chandrani disse que as crianças dos Lares são condenadas ao ostracismo em suas escolas locais e, às vezes, até em suas escolas dominicais. Antigamente, as crianças iam à igreja com o uniforme dado pelo Lar, e ela sente que isso contribuiu em parte para seu ostracismo. Ela rapidamente mudou esta política para que vestissem trajes casuais e melhorassem a interação. Para dar às crianças um sentimento de família, ela as traz de Moratuwa para Colpetty durante as férias para que tenham interação intergeracional com os mais velhos.

Ela falou da dificuldade que elas tiveram quando os tribunais lhes entregaram crianças das prisões. Elas eram muito agressivas e teimosas, querendo as coisas da sua maneira. As outras crianças também ficaram instáveis. No entanto, elas receberam ajuda profissional e aconselhamento para sua equipe em como lidar com essas crianças, e gradualmente elas se acomodaram com a rotina. A equipe também está mais apta a lidar com qualquer situação por causa do aconselhamento profissional e do treinamento em aconselhamento que receberam.

Este ano é o centenário da Casa de São João em Moratuwa. Pensando no futuro, a Irmã Chandrani sente que a igreja deveria se envolver mais com os Lares ligados à Diocese, dando às crianças mais auxílio e aconselhamento profissionais. Com a educação online nos últimos dois anos, muito mais tecnologia e aparelhamento precisam ser dados para esses lares, e as habilidades técnicas das crianças precisam ser aprimoradas. Crianças dotadas de capacidade também precisam de patrocínio para entrar em boas escolas ou para seguir um percurso na carreira de sua escolha. Com o colapso da vida familiar e muitos pais e mães procurando emprego no exterior, o número de crianças vai subir. A igreja precisa adentrar esta realidade para proteger essas

crianças e garantir uma infância feliz.

Irmã Chandrani é uma pessoa calma e serena. Apesar do transporte entre Moratuwa e Colpetty na maioria dos dias, ela sempre tem tempo para os outros e nunca está apressada. No entanto ela parece imperturbável, ela está determinada para fazer seu melhor pelas crianças no seu cuidado e na melhoria da sua vida.

A frase de Provérbios 31. 25 descreve-a melhor:

'Ela é vestida com força e dignidade.' Louvado seja Deus.



Projeto Infantil Isandlwana Isisa

(Cuidando das pessoas destituídas, órfãs, e crianças vulneráveis)

Sra. Patrícia CHN - Diocese do Zululândia, África do Sul

A Comunidade do Santo Nome de Jesus na África do Sul é uma comunidade de freiras na Diocese de Zululândia, e temos comunidades na Inglaterra e Lesoto.

O Projeto Infantil Isisa foi iniciado em 2008 pelas irmãs da Comunidade do Santo Nome quando elas receberam uma doação para financiamento de parceiros estrangeiros da CHN. Esta doação foi destinada a crianças órfãs, carentes e vulneráveis que residem na área de Isandlwana e arredores. Este projeto tem como destinatárias crianças da Escola Primária e Secundária de Isandlwana. Este projeto está em andamento, embora a pandemia da COVID 19 o tenha inviabilizado.

Dois comitês supervisionam este projeto. Há quatro Irmãs e cinco mulheres da área de Isandlwana, e o pároco da paróquia de São Vicente, Rev. M. Magubane, também é membro do comitê.

Este projeto tem contribuído para a vida das crianças de uma forma bonita. As Irmãs fazem o seguinte por elas:

- Compram uniformes escolares.
- Fornecem sacolas de Natal com alguns produtos essenciais, ou seja, produtos de higiene pessoal.
- Pagam as taxas de inscrição para aquelas que vão para o ensino superior antes de receberem financiamento estatal (Programa Nacional de Auxílio a Financiamento de Estudantes).

Temos histórias de sucesso de crianças que agora são jovens adultas. Há três que são agora professoras qualificadas: Thobeka Njoko é professora de matemática e ciências. Como filha mais velha, após a conclusão do ensino superior, ela ajudou suas irmãs e irmãos. Uma delas, Siphesihle Njoko, é atualmente médica no Hospital Charles Johnson, em Nqutu. Ela mudou-se de sua casa, uma pequena habitação humilde, para uma casa grande. Os outros irmãos, Sabelo e Ntuthuko, concluíram a formação de Bacharéis em Ciências e Engenharia, respectivamente.

Siyabonga Jiyane é também professor em uma Escola Primária. Ele é bacharel em Educação pela Universidade de Zululândia. Ele foi identificado como necessitado enquanto estava na escola primária. Ele mora com irmãs/ãos e avós. Ele construiu uma casa grande para seus avós, substituindo a casa deteriorada.

Nombuso Ntshangase foi identificada e cadastrada enquanto estava na Escola Primária. Ela concluiu seu diploma de Bacharel em Educação em 2020 e ainda está desempregada. Ela mora com a avó e irmãs/ãos enquanto procura por uma vaga de professora em Kwazulu-Natal e outras províncias como a província de Mpumalanga.

Outra é Nkosingiphile Dladla, que foi identificada e cadastrada quando ela estava na Escola Secundária.

Ela queria ganhar habilidades de costura e foi colocada no Ensino Superior (FET) pela Irmã. Ela fez parceria com uma amiga para fazer uniformes escolares.

Sifiso Hadebe é também outro jovem homem que se beneficiou do programa. Depois de se formar com um Diploma de Administração Pública na Faculdade Richfield, Sifiso rompeu os laços com as Irmãs. Esperamos apenas que ele esteja bem onde quer que esteja.

Atualmente, há quatro pessoas jovens adultas (Siyabonga Ngobese, Sinethemba Mnculwane, Sidudla Mayise e Nokuthula Ntshangase) que aguardam aceitação em diferentes instituições de ensino superior. As outras quatro (Sifundo Sigubudu, Ndabenhle Mazibuko e Nontobeko Zulu) já estão estudando em vários cursos na Universidade de Free State. Elas obtiveram ajuda financeira do governo.

Além de ajudar as crianças, também ajudamos famílias carentes em colaboração com outras organizações da igreja, como a União das Mães na Missão Kwamagwaza e Isandlwana. Nós fornecemos comida, cobertores e roupas para elas.

Alguns casos dessas crianças são angustiantes. Enquanto outras ficam com suas avós, algumas estão por conta própria. Sinethemba Mnculwane tem seis irmãs/ãos. Sua mãe morreu quando ela era muito jovem. Ela disse que não conseguiria realmente identificá-la.

Os membros do comitê do Projeto de Crianças Isisa visitaram uma família destituída de Msimango, em Isandlwana, para lhes dar comida, roupas e cobertores. O pai da família, um arrimo de família aposentado, faleceu. As Irmãs estão tentando encontrar emprego para a filha, porque ninguém está trabalhando.

Além do trabalho humanitário, também pregamos, ensinamos e evangelizamos em diferentes paróquias. As/os sacerdotizas/es e párocas/os de diversas paróquias e domínios nos convidam para o trabalho missionário, especialmente da Quaresma à Páscoa. No Convento, rezamos pelas pessoas doentes, jovens e idosas, mas por causa do COVID 19, não aceitamos muitos visitantes que precisam de orações para ficar conosco.



Histórias da Igreja Anglicana da Melanésia

Marilyn Chuchuni

*ACOM, Mesa das
Mulheres*

Treinamento para Aconselhamento em situação de Trauma para Sobreviventes do Abuso Sexual

Em 2021, as Mulheres Ecumênicas da Associação Cristã das Ilhas Salomão (SICA), Incluindo mulheres líderes da Igreja Anglicana da Melanésia, reuniram-se para

uma oficina de treinamento de uma semana sobre o aconselhamento de sobreviventes de abuso sexual com cerca de 60

participantes

. Foi uma excelente



oportunidade para mulheres das cinco principais Igrejas para se juntarem para discutir questões sociais que são alarmantes em nossa nação hoje. Problemas incluíam ilegalidade juvenil, violência baseada em gênero, violência doméstica, abuso sexual, gravidez na adolescência e assim por diante. Este encontro ajudou mulheres a entenderem que há uma urgência em buscar treinamento em aconselhamento em situações de trauma para mulheres, porque acredita-se que a maioria dos problemas que surgem são resultado de estresse, desemprego, marginalização urbana, e assim por diante. A fonte do problema não é a nação. São os lares que perderam o controle na educação de filhas/os. Acredita-se que o aconselhamento é um caminho a seguir. As mulheres que participaram do treinamento eram tanto das áreas rurais quanto dos centros urbanos. Essas mulheres são testemunhas vivas para dizer à nação que ela deve começar a enfrentar as grandes crises e deixar de ser apenas espectadora. Que as mulheres devem ser parceiras para desenterrar e atacar as causas profundas de tais problemas sociais crescentes nas comunidades que estragam a nação pacífica, uma vez chamada Ilhas Felizes.

Consulta de Mulheres Líderes da ACOM

maio - agosto de 2022

A ACOM (Igreja Anglicana da Melanésia) está realizando avaliações e consultas de base de maio a agosto de 2022. Espera-se que as consultas sejam feitas em todas as dioceses da ACOM.

O propósito desta consulta é aumentar a conscientização sobre as responsabilidades da Mesa para todas as organizações e instituições de mulheres e identificar maneiras de trabalhar de forma colaborativa. Esta consulta dá às mulheres da ACOM a oportunidade de dialogar livremente e identificar

lacunas dentro de seus grupos de missão, como a União de Mães, as duas comunidades religiosas femininas (A Comunidade de Irmãs da Melanésia & a Comunidade de Irmãs

da Igreja), a GFS – Sociedade Amiga das Meninas, representantes femininas da Escola Dominical e Ministérios da Juventude e representantes de mulheres da comunidade.

A ideia-chave desta consulta é fazer com que as mulheres líderes conversem e ouçam umas às outras, para discutir e compartilhar suas necessidades, prioridades e experiências. Também é uma oportunidade para mim, como coordenadora da mesa, aprender em primeira mão as necessidades em relação a treinamentos, workshops e recursos disponíveis para o empoderamento das mulheres.

Sessões de Aconselhamento de Luto e Perda para Mulheres que perderam seus maridos durante o auge da pandemia de COVID- 19

Uma sessão de aconselhamento de luto e perda de duas semanas foi realizada para mulheres que perderam seus entes queridos durante o auge da pandemia de COVID-19. Mulheres que participaram nas sessões eram de todas as fés religiosas, e a maioria dessas mulheres eram mães jovens. As sessões de aconselhamento terminaram com um culto conduzido por um padre católico. O tema deste culto foi "*Do Horror à Cura*". Este foi um culto muito emotivo. A parte mais mobilizadora foi quando as mulheres acenderam velas que simbolizavam as vidas de seus amados e trouxeram-nas ao altar. A outra parte era quando as mulheres escreviam mensagens expressando seus sentimentos e também as levavam ao altar, e depois queimavam essas mensagens como sinal do '*deixar partir*.'"



Uma Irrefreável onda de Mulheres

Apesar das crescentes pressões, centenas de mulheres indígenas no norte da Argentina estão se erguendo e colocando sua fé e amor em ação em suas comunidades.

O que começou com um punhado de mulheres no norte da Argentina em 2016 se transformou em um movimento de mais de 1.400 mulheres em toda a Província Anglicana da América do Sul.

AMARE (afiliada à União de Mães) busca reunir mulheres e ajudá-las a experimentar e compreender o amor de Deus por elas e o quanto elas são importantes, para que possam amar e servir ao próximo. (Mateus 22.37–39 é fundamental) Quando as mulheres se tornam membros, elas prometem abençoar sua família, igrejas e comunidades, com perdão e reconciliação também integral. AMARE significa Grupo de Mulheres Anglicanas Renovadas no Espírito. O acróstico descreve sua missão: Animar, Motivar, Afirmar, Renovar-se constantemente no Espírito.

A maior filiação é nas áreas rurais da Diocese do norte da Argentina, entre os povos indígenas. Uma mulher Wichi, Isabel Vilte (falecida em 2020), foi uma líder inspiradora que abriu o caminho para as mulheres. Tendo feito parte da União de Mães sob a liderança das primeiras missionárias, o contato foi restabelecido em torno dos programas de paternidade/maternidade. As mulheres continuaram a orar por suas famílias, com muitas se sentindo perplexas sobre como guiar suas/seus filhas/os em um mundo mudado. As mulheres foram encorajadas a começar a AMARE como uma identidade local para lhes dar voz e dignidade.

Navegando em um novo mundo

As comunidades indígenas enfrentam crescente influência ocidental. As famílias sentem isso de forma aguda – as mães/pais estão mal equipadas/os para orientar suas/seus filhas/os na interação com a cultura e a tecnologia desconhecidas. As habilidades tradicionais são deixadas de lado e as mães/pais se sentem impotentes ao ver seu modo de vida se desgastando.

Reunir-se em comunidade é extremamente importante para os membros da AMARE no norte da Argentina

As/os facilitadoras/es parentais da AMARE realizaram grupos de treinamento para ajudar as mães e pais a navegar neste novo mundo. Um pai viu isso como "uma grande bênção... [isso] nos ajudou a nos sentirmos bem, isto nos mostra como viver cada dia como família." No entanto, as/os facilitadoras/es enfrentaram cada vez mais o desânimo, com falta de tempo ou aceitação dentro suas comunidades e desafios com materiais e linguagem limitando sua eficácia.

No início de 2020, 28 facilitadoras/es de treinamento da AMARE (incluindo Wichi e Toba) se juntaram para avaliar o treinamento, considerar os desafios enfrentados pelas famílias e desenvolver estratégias para aumentar o alcance. As/os facilitadoras/es adaptaram o formato para

se conectarem melhor – e algumas organizaram um grupo logo depois que ajudou muito as mães, pais e responsáveis.

Desafios Modificados

Durante 2020, a pandemia de COVID-19 mudou o cenário para AMARE. Antes da pandemia, reunir-se na comunidade era extremamente importante e as membros faziam viagens desconfortáveis, dormiam no chão da igreja e aceitavam a incerteza em torno da comida para estarem juntas. Então, com restrições rígidas de movimento e reunião, como elas poderiam se conectar?

Parte do ritmo da União de Mães é uma diária "onda de



oração", e no grupo de WhatsApp da AMARE (com membros em toda a América do Sul), a pandemia levou as mulheres a começarem a postar e orar diariamente ao meio-dia. Isso foi planejado pra sustentar o grupo durante os primeiros dias da pandemia, mas continua mais de 18 meses depois. Para alcançar aquelas que elas não podiam visitar, a parceira da missão, Catherine Le Tissier, relatou: "[as mulheres] estão encontrando maneiras criativas de manter contato e cuidar das necessitadas. Algumas das mulheres da AMARE começaram um programa regular de rádio, que permite um compartilhamento muito mais amplo de notícias, testemunhos, ensino e oração, e alcança todas aquelas que não podem sair durante o *lockdown*".

As transmissões de rádio ajudaram as líderes da AMARE a alcançar as mulheres durante os *lockdowns*.

Amor em ação

O cerne da visão da AMARE é colocar o amor em ação. Antes da pandemia, assim como apoiar mães/pais, orando e visitando as pessoas enfermas, membros também ministravam para jovens viciados, estavam envolvidas com educação em saúde ou ajudavam nas escolas dominicais. O aniversário da AMARE todos os anos vê membros se oferecendo para rezar pelas autoridades, visitando hospitais e escolas locais.

Durante a pandemia, a imposição de restrições em algumas áreas foi pesada. As comunidades indígenas e "criollas" temiam ser levadas para quarentena em insalubres condições, caso fosse sugerido que havia um caso de COVID-19. Ainda assim, as mulheres da AMARE encontraram maneiras de colocar o amor em prática. Enviados para um centro de isolamento, os membros de Wichi tiveram tempo para conversar e

orar por outras pessoas no centro que estavam com medo.

Catherine continua: "Duas líderes da AMARE, Gladys e Mirna, continuavam a atender todas aquelas que batiam na sua porta, procurando por oração ou apoio, suporte. Eu sou cheia de admiração por essas líderes incríveis que continuam diariamente ajudando as outras, apesar de seus próprios desafios."

Juntando-se a Vozes Globais

Além de servir suas próprias comunidades, as mulheres da AMARE se uniram a outras ao redor do mundo na campanha da União de Mães "Chega de 1 em 3" contra a violência baseada em gênero. Em 2020, as mulheres da AMARE se manifestaram nas mídias sociais e participaram de eventos na rede focados na erradicação do abuso e da violência contra as mulheres. Em 2021, elas entraram em contato com suas comunidades com diários de oração e mais informações. Sua presença foi amplamente apreciada, pois a violência doméstica e o abuso são abundantes. AMARE também cresceu em sua presença virtual com um canal no Youtube, que oferece recursos, incluindo workshops, estudos bíblicos, hinos e orações Wichí. Muitas membros têm telefones celular para acessar o material online. Em uma comunidade rural de Toba, as mulheres da AMARE se reúnem em torno de um laptop para ouvir as oficinas gravadas.

Catherine comenta: "Uma grande bênção da pandemia foi a maneira como as mulheres responderam ao manter contato, especialmente por meio da oração, através de diferentes países e igrejas". A onda continua de mulher para mulher em todas as culturas e continentes, enquanto mulheres indígenas e urbanas notáveis e resilientes continuam a viver seu nome: "AMARE! Eu amarei!"

<https://churchmissionsociety.org/stories/imparável-onda-de-mulheres/>

Vidas restauradas Restaurando Vidas

Três mulheres jovens que encontraram fé e propósito em uma casa segura brasileira agora estão orientando outras meninas em risco

ReVive, fundada pelos parceiros da missão CMS Andy e Rose Roberts, abriu sua primeira



casa segura para meninas que sofrem abuso ou exploração em Olinda, Brasil, em 2014. Agora três dessas meninas voltaram para trabalhar na Revive. Joyce, Bela e Ana compartilharam suas histórias com Andy.

Primeiras Recordações

Ana: Eu lembro que nós chegamos em uma tarde chuvosa e era tudo muito novo. Foi complicado na época porque eu realmente não sabia o que estava acontecendo. Eu criei muitos mecanismos de defesa. Eu era bastante agressiva no início. Eu me lembro de me dar conta que eu não estava indo de volta para uma família, mas que eu ia ficar aqui por

um tempo. Lembro-me de jogar uma bolsa de livros fora por frustração! Mas havia um processo gradual de conversa com a equipe, especialmente as sessões de terapia com as psicólogas. Eu pude falar sobre tudo que passei – as agressões, tanto físicas quanto verbais – e percebi que ser agressiva com os que me cercavam era uma forma de expressar isto.

Joyce: Assim que cheguei aqui senti uma paz real. Mesmo que Ana estivesse muito chateada, eu sabia que seria o melhor lugar para nós. Tudo o que aconteceu foi muito bom.

Bela: Lembro-me de quem estava de plantão no dia em que cheguei e lembro que Joyce foi a primeira pessoa a me cumprimentar. Eu me lembro que eu não me importava com nada e não queria me envolver com nada. Eu estava um pouco desconfiada, mas com o tempo comecei a me abrir e confiar nas funcionárias. Comecei a aceitar seus conselhos, a reconhecer meus erros e a fazer amigas.

Destaques

Ana: Eu me lembro de estar muito feliz. Eu me lembro que você nunca desistiu de mim. Até nos meus piores dias ou nos meus momentos mais agressivos – batendo em paredes, chutando coisas, deslocando dedos – quando ninguém conseguia me suportar, vocês nunca perderam a fé em mim. Minha psicóloga conversou comigo sobre como melhorar e me disse que eu precisaria de muita gente me apoiando. Lembro-me de você me falando sobre algo e que nós tivemos uma discussão. Então eu lhe disse que eu queria ser um espelho de coisas boas para as outras garotas e não de coisas ruins. Foi esta força de caráter que me fez quem eu sou hoje.

Joyce: Gostei muito de poder conversar com todas as funcionárias. É muito diferente agora ser uma adulta responsável! Percebo agora o quanto todas vocês estavam tentando nos preparar para o que estava por vir através de todas as atividades e cursos - tantas oportunidades que nunca teríamos recebido em outros lugares.

Voltando para a Revive

Ana: Eu estava na escola quando a Elise (coordenadora da ReVive) me ligou, mas eu não atendi. Eu liguei para ela de volta imediatamente e ela me contou que havia uma oportunidade de estar de volta à ReVive, como uma jovem aprendiz. Eu não pensei duas vezes e comecei a pular pela escola, eu estava tão feliz! Como uma aprendiz, eu percebi quanto trabalho por trás das cenas realmente existe! Eu costumava pensar que vocês não faziam nada nos escritórios, mas agora eu sei. Eu tenho aprendido tanto fazendo o trabalho administrativo, o processo legal das crianças - tantas coisas.

Andy: Eu lembro que durante seu tempo na ReVive você me disse que um dia você trabalharia aqui e seria uma das educadoras. Agora você concluiu seus 18 meses como aprendiz, eu ouvi que lhe ofereceram um emprego e sua previsão se concretizou!

Ana: Sim, estou tão feliz! Quando Rose e Elise me chamaram no escritório, eu pensei que eles iriam me dizer que eu estava despedida. Mas então Rosa me

contou sobre a vaga e perguntou se eu gostaria de ser uma educadora. Comecei a chorar porque sou muito grata – vocês estiveram comigo nos altos e baixos. Com minha experiência de ser criança na ReVive, tenho certeza que posso ajudar as garotas atuais para mostrar a elas o que é possível, com Deus, com nossas próprias forças e que há luz na escuridão. Que elas podem ser mais do que podem imaginar e podem alcançar seus sonhos.

Bela: Eu estava almoçando com minha tia quando Elise entrou em contato. Eu estava tão feliz, eu não podia acreditar. eu estava realmente nervosa – é meu primeiro trabalho. Eu nunca imaginei que vocês poderiam querer-me de volta depois de algumas coisas que eu fiz aqui quando eu era mais jovem. Como a Ana disse, estou muito grata. Eu era realmente rebelde, mas esta oportunidade mudou muitas coisas. Não aproveitei ao máximo algumas das oportunidades quando eu era mais jovem, mas vou aproveitar ao máximo!

Joyce: Voltar foi ótimo e estranho. Lembro-me de orar quando era mais jovem - eu queria que Deus me trouxesse de volta aqui um dia como uma voluntária ou como funcionária. Passei quatro anos orando por isso e pedindo a Deus, para poder retribuir tudo o que recebi aqui. Então, quando recebi sua mensagem pedindo meu CV e para passar pelo processo de seleção, eu estava tão nervosa... e então tão feliz quando Elise contou-me que eu passei e tive a oferta de emprego. Com o tempo, percebi que tenho algo que outras funcionárias não têm – sei como é ser uma garota na ReVive.

<https://churchmissionsociety.org/stories/restored-vidas-restaurando-vidas/>

isso melhor. Apesar de pertencer a um grupo de esquerda perseguido pelo grupo antigovernamental, o jovem ativista também estava na lista de procurados do governo, indo de refúgio em refúgio. Então faminto e estranho para Audrey, ele bateu em sua porta no perigoso ano de 1988. Audrey não perguntou quem ele era, mas perguntou se ele havia comido e o convidou para entrar. Isso retrata em poucas palavras a natureza singularmente compassiva e corajosa de Audrey.

A política na vida de Audrey veio de ela ter sido uma cristã devota. Ela era voluntariamente pobre, mas imensamente rica em aspectos importantes. Sua vida nos lembra a história de Cristo alimentando os cinco mil. A primeira coisa que confrontava um visitante em sua casa era sua mesa de oração diante da qual ela se ajoelhava, uma Bíblia e notas mensais de leitura da Bíblia. Foi assim que ela ajudou muitas pessoas necessitadas. Você contava a ela um problema difícil e, para surpresa de todos, ela encontrava uma resposta. Ela sabia a quem recorrer. Ela ajudou muitos necessitados e tinha imensa credibilidade.

Há uma longa lista de indivíduos (tanto conhecidos quanto não tão conhecidos) no Sri Lanka a quem ela forneceu conforto, abrigo e apoio. Ela corajosamente assumiu riscos na proteção dos valores democráticos, desafiando o status quo e inspirando gerações de ativistas do Sri Lanka.

Audrey morreu no ano passado durante a pandemia e deixou um legado duradouro.

Audrey Rébera

*Reverendíssima Dushantha Rodrigo
Bispa de Colombo*



Audrey Rebera foi uma humilde guerreira que dedicou sua vida a testemunhar o compromisso de Cristo com a justiça social. No início dos anos 1970, Audrey desistiu de seu emprego bem pago no Banco Central para assumir um salário nominalmente como Secretária do

Movimento Cristão Estudantil. O Movimento Cristão Estudantil é uma rede de organizações em escolas em todo o Sri Lanka com o mandato de nutrir e cultivar estudantes cristãos/ãos.

Audrey ficou conhecida sob vários rótulos, cristã, feminista, radical de esquerda, para citar alguns, mas acima de tudo, ela representou o melhor da humanidade. Uma história pessoal bem conhecida relatada por um jovem ativista

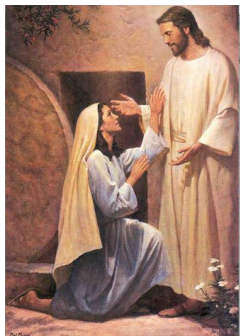


Women's Leadership

Maria Madalena: Uma Apóstola dos Apóstolos

Dia de festa - 22 de julho

Maria Gabriela Merayo
Bacharel em Teologia e Mestre em Teologia em
Teologia Latino-Americana
Igreja Anglicana de Todos os Santos, Quilmes,
Argentina
Diocese Anglicana da Argentina



O que a Tradição diz sobre ela?

Uma história que se tornou um evento na Igreja Ocidental ocorreu quando o Papa Gregório Magno identificou Maria Madalena com Maria de Betânia e a pecadora pública em uma homilia em 591 d.C. (Homilia 25; PL 76, 1188). Essa teoria ganhou popularidade no Ocidente e prevalece até hoje,

apesar de não ter fundamento bíblico. Em muitas ocasiões, o nome do meio era o local de origem na Bíblia. O mesmo vale para Maria de Betânia e Maria de Magdala: “de” refere-se ao seu lugar de origem. Sabemos que são duas Marias diferentes: uma veio da cidade de Betânia e a outra de Magdala. Quanto à identificação com a pecadora pública mencionada por Lucas, não há razão para fazer essa ligação: sabemos que o evangelista Lucas baseou sua obra no texto de Marcos, e eles reconheceram Maria Madalena como uma das lideranças mais relevantes dessa primeira comunidade cristã (65 d.C.), ainda mais do que Pedro. Poderíamos então pensar que a identificação com a pecadora pública foi devido à ignorância, ou se estamos errados —e talvez devamos—, a intenção era diminuir seu nome com uma reputação dúbia porque ela era uma pessoa importante para os primeiros cristãos e ela continuou a ser uma referência durante os primeiros séculos do cristianismo.

O que a Bíblia diz sobre ela?

- Ela era uma discípula de Jesus
Marcos foi o primeiro evangelista a mencionar Maria de Magdala como discípula no contexto da cruz no final do evangelho (Mc. 15.40-41). Cada vez que o evangelista falava dos discípulos de Jesus, incluía as mulheres que o seguiam, o serviam e o acompanhavam a Jerusalém. Portanto, encontramos Maria de Magdala em todo o evangelho.

Apenas o evangelista Lucas a mencionou fora do contexto da morte e da ressurreição. No capítulo 8, ele diz que ela foi uma das discípulas que acompanharam Jesus com os Doze, e ela o servia com seus bens. Apenas Lucas descreveu que Jesus expulsou sete demônios dela. Esta informação aparece em Marcos 16:9, um apêndice do evangelho. Anos depois, alguém acrescentou esta informação sobre Maria, que não coincide com a descrição anterior de Lucas. O que fica

evidente nessa perícopa é que homens e mulheres podiam ser discípulos/os e que os Doze não eram os únicos a seguir Jesus. Maria Madalena também foi discípula.

- Ela estava com Jesus em sua crucificação
Mateus e Marcos descreveram que ela e outras mulheres andaram com Jesus até sua morte. Elas o seguiram desde a Galileia e o serviram durante seu ministério. O evangelista João a colocou ao lado da cruz. Em um momento crucial, os discípulos abandonaram Jesus, não as mulheres. Marcos usou três verbos poderosos neste versículo: seguir, servir e subir (Marcos 15.40-41). Elas falavam sobre o modelo ideal de discipulado no evangelho. Para Marcos, as/os verdadeiras/os discípulas/os são aquelas/es que seguem os passos de Jesus, servem como ele e estão dispostas/os a dar a vida pelas/os outras/os (subir a Jerusalém). E ele não usou esses verbos em relação aos Doze, mas ao grupo de mulheres liderado por Maria Madalena. O evangelista João (19.25) disse que somente as mulheres poderiam ficar ao lado de Jesus no momento de extrema dor. Elas formavam a comunidade modelo neste evangelho, uma comunidade que ficou ao lado daquelas/es que sofreram, um corpo inquebrável. Elas eram fortes e unidas como a túnica de Jesus — uma peça de roupa sem costura que os soldados tiveram que sortear porque não podiam rasgá-la—.
- Ela cuidou do sepultamento de Jesus
Marcos e Mateus concordaram afirmando que Maria Madalena cuidou do sepultamento de Jesus. Ela viu onde sepultaram o corpo dele. Era costume ungir os corpos falecidos com perfumes e mirra. Portanto, Maria seguiu o ritual ensinado e saiu de sua dor para honrar o corpo de seu mestre.
- Ela foi a primeira a testemunhar a ressurreição de Jesus Cristo
Cada evangelista descreveu Maria Madalena como a primeira a testemunhar a ressurreição de Jesus Cristo e proclamar as Boas Novas. Foi difícil para os quatro evangelistas chegarem a um acordo, então uma coincidência tão grande só seria possível se o fato tivesse grande probabilidade de ser histórico ou se as tradições cristãs do primeiro século considerassem Maria como personagem relevante. Jesus Cristo escolheu Maria Madalena para se tornar a primeira apóstola, a primeira a proclamar sua ressurreição e a primeira pessoa enviada para anunciar a nova vida em Jesus aos discípulos (Mt. 28.1-10; Mc. 16.1-10; Lc 24.1-10).

E nós mulheres, o que dizemos?

Maria Madalena foi uma líder relevante da primeira comunidade cristã. Jesus a escolheu para ser a primeira testemunha de sua ressurreição. Ela foi e continua a ser uma apóstola dos apóstolos. Vamos comemorar o dia de festa dela, nosso dia de festa...

A Mulher Cananéia

Maria Gabriela Merayo

Bacharel em Teologia e Mestre em Teologia em Teologia Latino-Americana

Igreja Anglicana de Todos os Santos, Quilmes, Argentina

Diocese Anglicana da Argentina



Como mulheres, precisamos reler criticamente os textos bíblicos para proclamar a dignidade de cada pessoa sem hesitação. Na Comunidade Anglicana de Todos os Santos (Quilmes, Argentina), nós mulheres permitimos que a Palavra circule em nossas histórias. Assim, torna-se viva, eficaz e libertadora.

Em Mateus 15.21-28, há uma discussão sobre o destino da salvação. Jesus veio apenas para os judeus, ou as/os estrangeiras/os também a mereciam? A questão étnica surge na perícopa, assim como a de gênero. Vamos ler o texto:

"Deixando aquele lugar, Jesus retirou-se para a região de Tiro e Sidom. Uma mulher cananeia daquela vizinhança veio a ele, clamando: "Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filha está endemoninhada e sofrendo terrivelmente." Jesus não respondeu nenhuma palavra. Então, seus discípulos aproximaram-se dele e o exortaram: "Mande-a embora, porque ela clama atrás de nós." Ele respondeu: "Fui enviado somente às ovelhas perdidas de Israel." A mulher veio e se ajoelhou diante dele. "Senhor, me ajude!" ela disse. Ele respondeu: "Não é certo tirar o pão das/os filhas/os e jogá-lo para os cachorros." "Sim, é, Senhor", disse ela. "Até os cães comem as migalhas que caem da mesa de seu dono." Então Jesus lhe disse: "Mulher, você tem muita fé! Seu pedido foi atendido." E sua filha foi curada naquele momento."

Uma mulher estrangeira, uma cananeia, caminha e grita atrás de Jesus e seus discípulos, demonstrando desespero pelo sofrimento de sua filha. Ela não se importa com o que as pessoas podem pensar. Ela procura ajuda e sabe onde encontrá-la. Seu choro também é um anúncio. Ela proclama que Jesus é o Senhor e o Filho de Davi. Esta mulher estrangeira reconhece Jesus como o Messias prometido. No entanto, apesar do desespero, da proclamação messiânica e do seu clamor por justiça, Jesus

permanece em silêncio. O que está acontecendo com ele? Ele é como um homem ou judeu de seu tempo? Ele está testando a fé dela? Ele gosta de se sentir importante? Ele está surpreso com o fato de que uma mulher o chama de "Messias"? Por que ele não reage? Tal é a sua indiferença que seus discípulos se aproximam dele para pedir-lhe para ajudá-la e mandá-la embora. Ele lhes respondeu, homens, com uma negativa mesmo: "Fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel".

A mulher vê que ele continua seu caminho, então ela acelera o passo, se ajoelha diante dele e se humilha. Assim, ela recebe uma palavra desse homem, ainda que ofensiva: "Não é certo tirar o pão das/os filhas/os e jogá-lo aos cachorros." Os judeus desdenhosamente chamavam os pagãos de cachorrinhos ou cachorros — longe de serem os bichinhos de estimação de hoje, eram vagabundos e comiam os restos de comida que ninguém lhes dava—. A mulher, longe de se ofender ou se retrair, confirma suas palavras e acrescenta: "Até os cachorros comem as migalhas que caem da mesa do dono".

Essa mulher determinada e incansável consegue um milagre para sua filha por causa de sua fé. Jesus apenas reconhece sua grande fé: "Você tem uma grande fé! Seu pedido foi atendido". O milagre acontece por causa da perseverança de uma mãe, que está disposta a tudo pela salvação da filha.

É estranho ler este texto como uma mulher sem amargura em relação a esse mestre —filho demais de seu tempo—. Enquanto isso, há muitas lições a aprender com essa mulher anônima. Ela não se importa com as diferenças que a separam de Jesus e de seu povo. Ela ultrapassa essas barreiras e tenta. Em vez disso, ela rompe com os costumes da época e grita sua angústia de mãe. Ela proclama sua fé em voz alta, mesmo sabendo que não é bem-vinda porque é estrangeira e mulher. Ela reconhece Jesus como o Messias, embora ele responda com silêncio e agressão. Em vez de responder com um insulto, ela ressignifica sua resposta para sua conveniência. Eventualmente, ela conseguiu um milagre porque foi capaz de superar qualquer barreira étnica, social, religiosa e de gênero conhecida.

A mulher cananeia lutou por sua filha, que era mais vulnerável do que ela porque era menina. Que esta mulher, anônima como sua filha, nos ensine a lutar por nossos direitos e os de nossas irmãs, filhas e amigas.

Dons e contribuições das mulheres são destacados na Conferência de Missão Global sobre Mulheres em Missão

Rede de Missão Global Episcopal



“As mulheres trazem dons e experiências distintas para o serviço missionário?” perguntou a Sra. Elizabeth Boe, moderadora de um painel plenário de mulheres missionárias na Conferência de Missão Global em toda a igreja realizada de forma virtual, de 12 a 14 de maio, pela Rede de Missão Episcopal Global (GEMN). Boe estava fazendo a pergunta como representante do escritório de recursos humanos da missão do Escritório de Parcerias Globais da Igreja Episcopal.

“As mulheres trazem uma sensibilidade às necessidades, emoções e preocupações humanas que é muito importante no trabalho da missão e fazem a diferença”, respondeu a Rev. Glenda McQueen, secretária de parceria para a América Latina e o Caribe. Ela observou que o trabalho que as/os missionárias/os fazem, por exemplo, cavar poços, funciona como uma ocasião para estabelecer relações de amor e cuidado com a comunidade local.

“Em todo o mundo, as mulheres têm uma experiência única em que vivem sob o patriarcado, e isso é algo que posso compartilhar com mulheres de todo o mundo”, disse a Sra. Sophie Swallow, atualmente uma missionária do Young Adult Service Corps (YASC) com a Iniciativa Juvenil da Guatemala. “Já sabemos que há algo a mudar. Desde quando eu era criança na Escola Dominical eu sabia que havia algo que precisava ser feito. Isso é algo que eu trago como fogo em minha barriga para cada interação que eu tenho como uma jovem missionária no século 21.”

“Sim, há questões sobre se identificar como mulher que fazem a diferença para mim como missionária e para nossa igreja e para a missão global – e há muita coisa que não faz”, disse a Rev. Melanie Slane, que serviu por dois anos no YASC nas Filipinas. “Não importa como você identifica seu gênero ou sua orientação sexual, o mundo precisa de pessoas mais sensíveis e compassivas.” Slane observou que as mulheres, assim como os homens, participaram de padrões anteriores de violência colonial na missão, mas concluiu: “As mulheres que vieram antes de mim ajudaram a criar um espaço para que eu servisse como missionária em meu contexto”.

“Missão trata de relacionamento”, disse Boe, refletindo uma visão amplamente compartilhada nos círculos missionários. “Isso pode ser vulnerável,

assustador, agravante. Ainda assim, somos chamadas a amar as pessoas da maneira que Deus ama a todas/os nós. A missão de Deus no século 21 é sobre ser, sobre se tornar a melhor pessoa que podemos ser.” Relembrando sua experiência de aprender sua língua na escola de idiomas na Tanzânia, Boe enfatizou que conhecer o idioma local é importante para a comunicação na missão. Cento e cinquenta e nove pessoas se inscreveram para a conferência de toda a Igreja Episcopal e 19 países. Além das plenárias, a conferência incluiu 11 workshops e vários Destaques da Missão e Testemunhos da Missão.

Missão nas Nações Unidas

“Trabalhar nas Nações Unidas é uma missão global com um rosto secular”, disse a Sra. Lynnaia Main, representante da Igreja Episcopal nas Nações Unidas. Seu discurso em plenária, “Em um espelho embaçado: Mulheres e missão através das lentes das Nações Unidas”, aludiu à imagem do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13. “Nosso desejo expresso na missão global de conhecer a Deus e ver Cristo expresso no rosto da/o outra/o só pode ser refletido vagamente nesta vida”, disse ela.

Ao revisar a história da ONU e o trabalho das mulheres na ONU, incluindo episcopais e anglicanas, Main disse que a ênfase da organização internacional nos direitos humanos e na dignidade da pessoa humana reflete os valores do evangelho. Ela enfatizou uma “compreensão da missão global como parceria transformacional”. O discurso de Main foi a primeira vez que o trabalho da ONU foi destacado em uma conferência patrocinada pelo GEMN, e as/os participantes responderam com entusiasmo à sua palestra. Main resumiu o trabalho da igreja na ONU sob os tópicos de um ministério de presença, um ministério de defesa dos direitos e um ministério de hospitalidade, e observou que faz parte da equipe do Escritório de Parcerias Globais.

História das Mulheres

A conferência foi aberta com um discurso em plenário, “Talitha Cumi’: Questões Históricas para Mulheres na Missão Mundial, pela Dra. Dana Robert, distinta professora da Universidade de Boston e diretora de seu Centro para Cristianismo e Missão Global.

“Mulheres leigas sempre foram a espinha dorsal da missão da igreja”, disse Robert enquanto revisava o trabalho das mulheres na igreja primitiva, os papéis das viúvas e diaconisas e a proeminência das mulheres no trabalho missionário de protestantes e anglicanas/os. Ela observou que a ênfase anterior das missionárias em trabalhar com mulheres em seus lares no exterior não era uma armadilha de domesticação, mas sim ativava uma alavanca crucial para a transformação social.

O trabalho missionário global das mulheres tem sido holístico e focado na cura, disse Robert. As mulheres se envolveram no ministério a partir das margens e seu trabalho tem sido o ponto de partida para o trabalho de justiça de gênero. Falando como uma leiga Metodista Unida, Robert trouxe uma ampla perspectiva ecumênica para sua pesquisa histórica.

Trabalho da União de Mães

O trabalho da União de Mães (UM) na África foi o foco do discurso em plenário da Rev. Carolyne Adhola da Igreja Anglicana do Quênia. "A União das Mães é uma forma de missão contextualizada", disse Adhola ao explicar o trabalho da UM de cuidado das pessoas afetadas pelo HIV/AIDS e defesa da distribuição justa da terra.

Adhola citou sua experiência pessoal, como uma jovem viúva, de ser desapropriada de sua casa pela família de seu falecido marido porque ela não renunciou à sua fé e não participou de uma forma de religião tradicional africana. Ela observou que teria sido difícil sobreviver a essa experiência sem o apoio da UM.

"A Grande Comissão é o nosso tema", declarou Adhola, "para ir não apenas às/aos cristãs/ãos ou às mulheres, mas até os confins do mundo". Observando que na África Oriental as/os cristãs/ãos são frequentemente desafiados pelos muçulmanos "que afirmam conhecer a Bíblia melhor do que nós", Adhola defendeu o diálogo entre as divisões religiosas.

Adhola falou em cima da hora no lugar da Dra. Hilda Kabia, reitora da Faculdade Teológica de Msalato, em Dodoma, Tanzânia, cuja presença na conferência foi interrompida por dificuldades na internet.

Oficinas e destaques

O culto da Conferência foi liderado por mulheres da União de Mães em Moçambique; o companheirismo da Comunidade Tsedaqah/Triângulo da Esperança das dioceses de Liverpool na Inglaterra, Kumasi em Gana e Virgínia nos EUA; e a Sociedade de Santa Margarida no Haiti, Massachusetts e Nova York.

Oficinas com a Rev. Dra. Helen Van Koevering sobre mulheres em Moçambique; Dra. Chiseche Mibenge sobre o trabalho do Episcopal Relief and Development com as mulheres; a Rev. Rebecca Yarborough e um painel de mulheres na Costa Rica; a Rev. Heather Melton sobre a Oferta de Gratidão Unida; Sra. Prita Samantaroy sobre o trabalho da Diocese de Amritsar com mulheres no norte da Índia; a Comunidade da Transfiguração em seu trabalho na República Dominicana; Dra. Laura Sarraff sobre o trabalho missionário das mulheres em Cuba; Bispo Francisco Duque e um painel de mulheres indígenas colombianas; Sra. Alice Garrick sobre o trabalho do programa de mulheres na Diocese de Raiwind, Paquistão; Sra. Liz Ha sobre o trabalho dos Cinco Talentos; e a Rev. Kyrie Kim sobre as mulheres coreanas em missão.

Os Destaques da Missão apresentaram a Rev. Dra. Katherine Grieb do Centro de Estudos da Comunhão Anglicana do Seminário da Virgínia; Dra. Gina Zurlo sobre a 3ª edição recentemente publicada da Enciclopédia Cristã Mundial; Dra. Catherine Meeks sobre o trabalho do Centro para Cura Racial Absalom Jones em Atlanta; a Sociedade de Santa Margarida em seu trabalho no Haiti; Sr. Vincent Dixon sobre o trabalho de Apoio a Cristãs/ãos Iraquianos;

a Rev. Holly Hartman do Programa de Formação Missionária da GEMN; o Sr. Greg Lowden e a Sra. Sophie Swallow sobre a Iniciativa da Juventude da Guatemala; o Rev. Dr. Chuck Robertson sobre a próxima Conferência Lambeth, neste verão; e a Sra. Jenny Grant sobre o Missão Global Kit de ferramentas digitais e sobre a Comissão Permanente de Missão Mundial que recentemente publicou: "Tornar-se um mundo onde o amor é o caminho: princípios orientadores para a missão mundial". O cristianismo sempre foi majoritariamente feminino, o cristianismo mundial pode ser descrito como um movimento de mulheres e o movimento missionário mundial é de pelo menos dois terços feminino, disse o presidente da GEMN, o Rev. Dr. Titus Presler, em comentários de boas-vindas, ao citar avaliações da Enciclopédia Cristã Mundial. "Portanto, é hora de esta 27ª conferência anual de ativistas episcopais da missão global se concentrar no tema das Mulheres em Missão", disse ele.

Os vídeos da conferência estarão disponíveis em breve no site da GEMN. Fundada em 1994, a GEMN é uma rede de dioceses, agências, congregações, seminários e indivíduos cujo propósito é reunir, inspirar e equipar pessoas para participar da missão de Deus. A rede identifica humildade, inclusão e companheirismo como seus valores centrais na missão global.

[Os dons e contribuições das mulheres são destacados em Conferência de Missão Global sobre Mulheres em Missão – Serviço de notícias episcopal](#)

Fotos de Rev. Dr. Helen Van Koevering sobre mulheres em Moçambique



Comitês finalizam resoluções sobre Igreja Segura, coleta de dados e esforços para chamar a atenção para a violência contra mulheres e meninas

Melodie Woerman

Serviço Episcopal de Notícias

Os comitês legislativos sobre Assédio Sexual, Exploração Sexual e Salvaguarda de 22 de junho recomendaram que sete resoluções sejam adotadas pela Convenção Geral quando se reunir de 8 a 11 de julho, variando dos tipos de traduções a serem exigidas para o treinamento online da Igreja Segura a Celebrações para marcar a luta contra a violência baseada em gênero.

Os comitês já haviam ouvido depoimentos sobre cinco das resoluções, então primeiro ofereceu a chance para as pessoas falarem sobre duas resoluções que recentemente haviam sido endereçadas a esses comitês.

Uma delas, C064, conclama a igreja a observar o "Domingo da Quebra do Silêncio" no domingo mais próximo de 25 de novembro, que é o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra a Mulher. Falando em apoio à resolução estava a Rev. Sereima Lomaloma de Fiji, na Diocese da Polinésia e parte da Igreja Anglicana de Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia. Lomaloma é uma defensora da equidade de gênero e membro da Comissão da Igreja Segura da Comunhão Anglicana. Ela observou que Fiji marca essa observância desde 2013 e pediu a adoção como uma maneira de a igreja se posicionar publicamente com aquelas que foram vitimadas pela violência baseada em gênero. Ela disse: "Por muito tempo a igreja foi acusada de ser uma protetora da violência, de tolerar a violência por causa de seu silêncio", mas um testemunho público diz às sobreviventes "que acreditam nelas, que são amadas, têm valor, que a igreja está criando um espaço onde elas possam se sentir seguras para compartilhar sua história, e que a igreja está honrando sua coragem e sua resiliência". Depois de ouvir uma discussão sobre como as igrejas episcopais poderiam observar este dia, quando coincide com observâncias, como o primeiro domingo do Advento, as comissões votaram para recomendar a adoção e as/os deputadas/os votaram para colocá-lo no calendário de consentimento da Câmara de Representantes.

A outra nova resolução, C063, encoraja as/os episcopais a usarem preto às quintas-feiras, como parte da campanha do Conselho Mundial de Igrejas por um mundo sem estupro e violência. O reverendo Gavin Shumate, deputado de Oregon, disse que como padre ele usa roupas clericais pretas todos os dias, mas observou que um broche "Quintas-feiras de Preto" está disponível para aquelas/es em sua situação demonstrarem sua participação. Deputadas/os e bispas/os votaram para recomendar a adoção pela Convenção Geral, com isso também entrando no calendário de consentimento das/os representantes.

As outras cinco resoluções foram finalizadas pelos comitês, com todas elas recebendo um voto para recomendar a adoção. Três não é requerem mais emendas pelos comitês;

A062, que requer dados adicionais das dioceses para ajudar a criar um plano para reduzir as diferenças de igualdade de gênero tanto na remuneração quanto na representação de liderança.

A064, que pede a adoção de módulos revisados de treinamento da Igreja Segura e sua promoção em toda a igreja.

A067, que autoriza as paróquias a utilizar e adaptar um modelo de política anti-assédio, juntamente com um guia de boas práticas.

A Resolução A061 originalmente pedia uma mudança no relatório paroquial anual enviado por todas as congregações da Igreja Episcopal para incluir informações demográficas sobre sexo, idade e raça daquelas/es na liderança local. A resolução foi proposta pela Força-Tarefa para Estudar o Sexismo na Igreja Episcopal e Desenvolver o Treinamento Anti-Sexismo, que considerou a falta de informação um impedimento para pesquisar o sexismo, de acordo com a integrante da força-tarefa e membro do comitê Katie Sherrod, do norte do Texas.

Os comitês queriam que informações adicionais fossem coletadas, incluindo identidade e expressão de gênero, etnia, orientação sexual e status de deficiência. Como as/os membros do comitê refletiram sobre o fato de que muitas dessas categorias não são necessariamente conhecidas por aquelas/es que preenchem o relatório paroquial, elas/es votaram para alterar a resolução para exigir que o Conselho Executivo criasse um mecanismo para reunir esses dados. As comissões, então, votaram para recomendar que isso fosse adotado, também colocando-o no calendário de anuência da Câmara dos Representantes.

A Resolução A065 trata da tradução dos novos módulos de treinamento Igreja Segura para outros idiomas além do inglês. Buscando tornar os materiais tão amplamente disponíveis quanto possível, o comitê emendou a resolução para expandir as traduções necessárias além do espanhol, francês e crioulo haitiano para incluir interpretação em linguagem de sinais em cada uma das três línguas designadas, bem como legendas para componentes de vídeo. As/Os membros observaram que traduzir os materiais para idiomas diferentes do inglês que são falados na Igreja Episcopal requer mais do que transliteração, e as traduções precisam refletir o contexto cultural local. A resolução pede que o Conselho Executivo crie uma nova força-tarefa para supervisionar essas traduções. O comitê recomendou que esta resolução fosse adotada com as emendas do comitê, mas as/os membros sentiram que precisaria ser discutido pela Câmara das/os Representantes e pela Câmara das/os Bispas/os, então não a colocou no calendário de consentimento.

[Comitês finalizam resoluções sobre Igreja Segura, coleta de dados e esforços para chamar atenção para a violência contra mulheres e meninas. – Serviço de Notícias Episcopal](#)

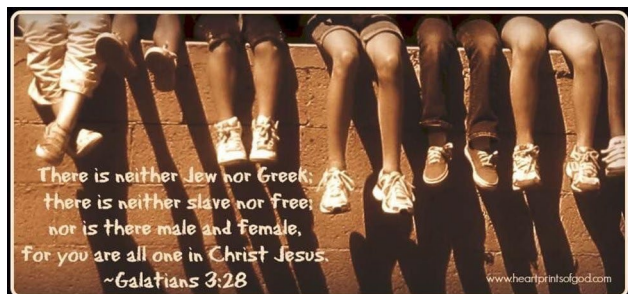


Um projeto de pesquisa empolgante foi lançado neste verão no Canadá, coletando dados sobre a liderança de mulheres leigas e ordenadas na igreja. Uma breve pesquisa foi enviada a cada uma das trinta dioceses da Igreja Anglicana do Canadá (ACC). Além disso, a composição das/os coordenadoras/es dos comitês da igreja nacional e outras estatísticas serão examinadas. Juntos, esses dados criarão um retrato do ministério de mulheres na igreja canadense. Esperamos poder analisar os resultados neste outono.

O projeto busca ser um espelho para a igreja anglicana canadense, 45 anos depois que as mulheres foram ordenadas ao sacerdócio pela primeira vez. Desde então, o Canadá tem sido visto pela igreja global como um lugar onde a liderança feminina é valorizada. Ao realizar esta pesquisa, procuramos descobrir até que ponto a autoridade das mulheres se enraizou dentro da igreja e onde ela precisa ser fortalecida.

Os resultados da pesquisa serão compartilhados dentro da igreja canadense e com a RIMA. O projeto é organizado pelo Dr. Andrea Mann (Diretor de Relações Globais do Sínodo Geral da ACC), o Rev Dr. Neil Elliott (funcionário estatístico do ACC) e eu (Relação Provincial do Canadá para RIMA). Fique atento às notícias sobre os resultados em futuros boletins da RIMA.

Fé, Comunidade, Igualdade e Reconciliação em um Tempo de Discórdia
Rev. Dra. Helen Van Koevering
Membro do Grupo Diretor da RIMA



Vivemos em um mundo onde nós, como mulheres, vivemos com um pé em dois mundos: nossos próprios caminhos diários alegrias e desafios, e a palavra de fé e promessa na

vinda do Reino de Deus. O impacto dos eventos globais recentes não estimula a esperança, mas sempre há aquelas que estão à margem com imaginação para ver novas possibilidades e mudanças.

Aqui nos EUA, estamos assimilando as notícias e o impacto da virada de Roe v Wade pela Suprema Corte dos EUA. Reconhecemos a grande variedade de respostas nos EUA, sentimos as próximas repercussões que tal decisão pode ter sobre as desigualdades para as mulheres em outras partes do globo e nos sentimos sem palavras. Sabemos que precisamos da inspiração de outras mulheres de fé em todos os tempos e do encorajamento da experiência compartilhada da presença e do amor de Deus. Sabemos que, no mínimo, precisamos sentar e iniciar conversas melhores entre mulheres e homens. Conversas construtivas que carregam o potencial de reconciliação. Como pessoas de fé, sabemos que a reconciliação é o coração da missão de Deus e que, ao buscar a reconciliação, estamos agindo na vontade de Deus para toda a criação.

“Manifesto de Maria” vem iniciando essas conversas desde 2021 em pequenos grupos que se reúnem online. Nosso propósito é reunir 318 mulheres em 2025 para rever a noção cristã de Deus e o Credo Niceno, 1700 anos depois que 318 homens fizeram o mesmo. Estamos criando pequenos grupos de mulheres em todo o mundo para estudar os Evangelhos juntas, e nossas reuniões mensais online incentivam a contemplação e a conversa em torno de um “Salmo da Mudança”. Nosso foco é tornar real o Magnificat de Lucas 1. 46-55 em cada encontro, particularmente focado na experiência de mulheres e crianças marginalizadas em todo o mundo. O Magnificat aponta para um processo de reconciliação que o Espírito abre quando estamos dispostas a ouvir as vozes e olhar nos olhos dos outros, inaudíveis e invisíveis. Incentivamos as mulheres a liderar, damos espaço para histórias, convidamos os homens para um papel transformado e compartilhamos nosso aprendizado emergente das mulheres globais nas bases, enquanto juntas nós mergulhamos no Magnificat. A equipe emergente atual inclui Suka Joshua, na Índia, Jamie Coats, nos EUA e Helen Van Koevering (membro do Comitê Diretor da RIMA).

Convidamos você a se juntar a nós, pois temos espaço para a contemplação das palavras de Maria no Magnificat. Convidamos você para a criação de uma nova comunidade guiada pelo Espírito de Deus, onde a mudança começa conosco.

Para mais informações, envie um e-mail para marymanifesto@gmail.com ou encontre-nos no Facebook como Mary Manifesto.

Justiça do Deus Vivo:

Um recurso para relações baseadas em gênero respeitadas e pelo fim da violência e abuso

Rev. Dra. Paula Nesbitt,

Consultora do Grupo Diretor de RIMA

E se pudéssemos viver juntas/os em relacionamentos mutuamente amorosos, livres de violência e abuso, como Jesus Cristo havia ensinado? O novo recurso da Comunhão Anglicana — *Justiça de Deus: Relacionamentos Justos entre mulheres e homens, meninas e meninos* — pode ajudar igrejas e membros em todos os lugares a fazerem exatamente isso.

Escrito por estudiosas/os, clérigas/os e leigas/os de diferentes partes da Comunhão Anglicana, o propósito da Justiça de Deus é mostrar como a Bíblia e os ensinamentos cristãos podem apoiar relacionamentos justos, amorosos e mutuamente respeitosos. Também oferece maneiras pelas quais as igrejas podem e devem responder à injustiça, abuso e violência de gênero.

O desenvolvimento da Justiça de Deus está enraizado na Resolução 16.02, aprovada pelo Conselho Consultivo Anglicano em 2016, que incentiva todas as províncias a ajudarem meninas e meninos, mulheres e homens, a participar de relacionamentos “que reflitam os valores cristãos de amor, dignidade e justiça”. Isso levou a um conjunto de materiais de estudo concluídos em 2019 para uso em faculdades de teologia, seminários e programas de treinamento para futuras/os clérigas/os e outras/os líderes religiosos. Estudiosas/os de todos os continentes participaram da redação e edição dos materiais, orientados pela Rev. Cãnone Terrie Robinson, então Diretora de Mulheres na Igreja e Sociedade, e pelo Rev. Cãnone Dr. Stephen Spencer, Diretor de Educação Teológica na Comunhão Anglicana.

No ano passado, Mandy Marshall, Diretora de Justiça de Gênero para a Comunhão Anglicana, reuniu um grupo que revisou os materiais originais do recurso. “Estes podem ser usados por qualquer pessoa interessada em construir relacionamentos saudáveis e são acessíveis ao maior número possível de pessoas para entender o que a Bíblia diz e não diz sobre os relacionamentos entre mulheres e homens, meninas e meninos”, disse ela.

A *justiça de Deus* inclui diretrizes teológicas que destacam os ensinamentos bíblicos e cristãos sobre a dignidade de toda a humanidade e o papel da igreja em sustentá-los. Também discute maneiras de entender gênero na Bíblia e fala sobre gênero na igreja. A violência baseada em gênero e os efeitos nocivos das desigualdades e injustiças de gênero em diferentes contextos são explorados, bem como o apoio bíblico para acabar com a violência e melhorar os relacionamentos para refletir o respeito mútuo que Deus deseja e como as igrejas podem responder. Cada tópico tem questões para reflexão e discussão. “A violência de gênero é uma pandemia global. Uma em cada três mulheres em sua vida sofrerá abuso,” assinala ela. “Isso significa que há um enorme desafio

para nossas igrejas quebrarem o silêncio, a vergonha e o estigma em torno do abuso e fornecer o apoio adequado. Sabemos que o abuso doméstico também acontece nas igrejas”. “Há um enorme desafio para nossas igrejas em quebrar o silêncio, a vergonha e o estigma em torno do abuso e fornecer apoio adequado”, enfatizou. O objetivo de *Justiça de Deus* é oferecer novos insights e esperança para mulheres e homens, incluindo a liberdade de se tornarem quem Deus as/os criou para ser, afirmando e respeitando mutuamente um/a ao/à outro/a em todos os aspectos da vida.

Segundo Mandy Marshall, esse recurso pode ser usado de várias maneiras. Pequenos grupos podem ler e discutir os diferentes capítulos, usando as perguntas como pontos de partida para conversas sobre seu próprio contexto local. Também pode ser uma ferramenta para estudo e reflexão pessoal. “Esperamos muito que as pessoas que usam o recurso forneçam feedback sobre seu uso e como podemos melhorá-lo para edições futuras”, acrescentou.

“Como anglicanas/os, não temos escolha a não ser trabalhar para transformar qualquer coisa que obstrua a realização da justiça de Deus e prejudique o relacionamento entre homens e mulheres, meninas e meninos”, escreveu o arcebispo da Cidade do Cabo, Thabo Makgoba, no Prefácio à *Justiça de Deus*. Ele apontou para as Cinco Marcas da Missão da Comunhão Anglicana que nos exortam a reparar as injustiças na sociedade, enfrentar a violência e buscar a reconciliação e a paz.

Justiça de Deus estará disponível em inglês até o final de julho para a Conferência de Bispos/os de Lambeth. Será também o tema de um seminário da Conferência para bispos/os e cônjuges considerarem sua liderança

no reconhecimento de normas ou atitudes prejudiciais que levam a práticas injustas e abusivas na igreja e na sociedade e ser agentes de mudança para suas dioceses.

O recurso pode ser baixado da seção de Justiça de Gênero do site da Comunhão Anglicana.

Também estará disponível mais tarde em

espanhol, português e, possivelmente, outros idiomas.

<https://www.anglicancommunion.org/media/483307/Gender-Justice-Gods-Justice-Teologia-e-Gênero-Recurso-A4-WEB-2207.pdf>



God's Justice:
Theology and Gender Based Violence



What does the Bible say and how should the Church respond?

"No one ending gender-based violence should be a priority to order to bridge the gap between men and women for justice and peace in existence in the society" The Rural Domestic Violence (RDV) - Gender

Conferência de Lambeth

Enquanto escrevemos este boletim, a Conferência de Lambeth está sendo realizada. Estas são fotografias das mulheres Bispas em Lambeth, em 1998 (11 Bispas), 2008 (18 Bispas) e hoje, 2022 (97 Bispas) com a nossa Mandy Marshall. Temos muito orgulho de todas as nossas mulheres!

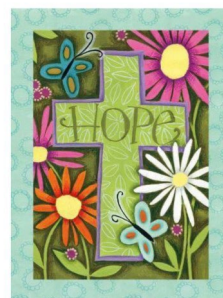


Chamada para Contribuições para o próximo Boletim de Notícias RIMA

Esperamos que você tenha gostado deste boletim informativo e tenha sido inspirada/o e encorajada/o por suas histórias. O Grupo Diretor da Rede Internacional de Mulheres Anglicanas está atualmente compilando artigos para o próximo boletim da RIMA que será lançado em **novembro de 2022**. Nós adoráramos que as/os leitoras/es oferecessem suas próprias histórias e/ou histórias de sua igreja.

Por favor, envie suas histórias para iawn@anglicancommunion.org até.....

Seria ótimo se pudessem ter cerca de 700 palavras acompanhadas de imagens e/ou fotos com legendas. Além disso, certifique-se de que temos seu nome completo, diocese e e-mail de contato. Muito obrigada!



International Anglican Women's Network
"Thinking Globally and Acting Locally"
Bringing the Perspectives of Women and Raising Issues Affecting Them

INTERNATIONAL
ANGLICAN
WOMEN'S
NETWORK



Sua Voz
Sua Rede
Sua Comunhão

As opiniões de colaboradoras/es Individuais não necessariamente refletem aquelas da Rede Internacional de Mulheres Anglicanas.